Variação Linguística no contexto escolar: desafios do professor no ensino de gramática

Linguistic variation in the school context: teacher challenges in grammar teaching

Daiane Almeida dos Santos[1]; Flávio Passos Santana[2].

Resumo
Nos últimos anos foi possível perceber a necessidade de um ensino, de modo geral, que priorize e respeite as diferenças e variações que ocorrem na língua. Assim, objetivamos refletir acerca do ensino de variação linguística no contexto escolar, enfatizando o preconceito e como o docente aborda a noção de "certo" e "errado'' de acordo com a gramatica normativa, tendo em vista as variações existentes. Para tanto, teóricos na área da linguística como Santos e Mesquita (2011), Rodrigues (2011), Mussalim e Bentes (2008), Fiorin (2010), Freitag e Lima (2010), Cosson (2011), servirão de base para confirmar as ideias aqui apresentadas. O que se espera por meio dessa pesquisa é mostrar a importância do ensino de variação linguística no âmbito escolar com o objetivo de refletir sobre o preconceito linguístico, bem como compreender que não existem "erros" na língua, uma vez que a fala é livre e que os discursos se adequam a diferentes contextos.

Abstract
In recent years, it has been possible to perceive the need for teaching, in general, to prioritize and respect the differences and variations that occur in the language. Thus, we aim to reflect on the teaching of linguistic variation in the school context, emphasizing prejudice and how the teacher approaches the notion of "right" and "wrong" according to normative grammar, given the existing variations. For that, linguistic theorists such as Sobrinha (2011), Rodrigues (2011), Mussalim and Bentes (2008), Fiorin (2010), Freitag and Lima (2010), will serve as a basis for confirming the ideas presented here. What is expected through this research is to show the importance of the teaching of linguistic variation in the school environment in order to reflect on the linguistic prejudice, as well as to understand that there are no "errors" in the language, since speech is free and that the discourses fit different contexts

Palavras-chave: Língua. Variação linguística. Docente.

Keywords: Language. Linguistic variation. Teacher.

[1] Graduanda. Faculdades Integradas de Sergipe (FISE). E-mail: daianealmeida0802@gmail.com

[2] Mestre. Faculdades Integradas de Sergipe (FISE). E-mail: flavio_cdb@hotmail.com

Introdução

É sabido que linguagem e sociedade não se separam, visto que a espécie humana habita em um mundo onde as pessoas se organizam em comunidades e que existe uma única forma de comunicação oral para todos: a língua. A junção desses dois conceitos forma o que hoje é chamado de Sociolinguística. Esse fenômeno linguístico trata, justamente, dessa relação que existe entre linguagem, sociedade e cultura assim como expõe Alkmim (2008), quando fala que o objeto da sociolinguística é o estudo da língua falada, escrita, observada e analisada dentro de um contexto social e em suas situações de uso e que cada comunidade se caracteriza pelo emprego de diferentes formas de se comunicar. Segundo esse autor, a partir dessas questões surgiu o termo variação linguística.

Falar em variação no âmbito escolar requer uma série de reflexões em torno do assunto que priorize abordar temas desafiadores para o docente. Diante dessa realidade, é perceptível a importância de investigar o ensino de variação linguística em sala de aula e como o professor se posiciona frente aos desafios enfrentados nessa prática, visando a diminuição do preconceito e da exclusão. Para tanto, nossa pesquisa se desenvolverá metodologicamente em campo, com a aplicação de um questionário a docentes formados na área de Letras acerca da importância do ensino de variação e gramática em sala de aula. Dentro dos resultados obtidos será feita, posteriormente, uma análise seguida de uma sequência didática com base nos conceitos de Cosson (2011) e traremos uma proposta de como trabalhar essa variação, de modo que, o aprendizado seja mais prazeroso e eficaz.

Partindo dessa ideia, podemos analisar o seguinte problema: Sabendo que a língua sofre modificações com o passar do tempo e que cada indivíduo possui seu jeito próprio para se comunicar, quais são os desafios enfrentados pelo docente para ensinar a gramática normativa levando em consideração essas variações que existem na língua que, consequentemente, trazem consigo exclusão e preconceito?

Em uma das justificativas para a ocorrência frequente dessa problemática nas escolas, Camacho (2008) explica que todas essas questões vêm de uma tradição pedagógica que prioriza o ensino da norma padrão sendo imposta e exclusiva nas escolas, ignorando assim a variação que o aluno já domina. A norma padrão, também chamada de norma culta, se caracteriza como a língua “correta”, falada pelas classes mais privilegiadas ou por quem detém maior conhecimento da gramática normativa, sendo esta o modelo a ser aprendido nas

escolas. Em contrapartida, a não padrão se caracteriza pelo uso na fala dos indivíduos mais marginalizados, das classes mais inferiores e em um contexto social desprivilegiado, sofrendo, como consequência dessa desigualdade, o preconceito linguístico. Em razão dessa imposição e exclusividade de ensino, a variação linguística inata dos alunos perde lugar para o desconhecido, sendo obrigados, então, a desconsiderar a sua linguagem própria e comum aos integrantes da sua comunidade.

É perceptível, nesse contexto, toda a responsabilidade exercida pelo docente em ensinar a língua materna levando em consideração toda essa norma obrigatória, mas com o olhar voltado também para as variações. Tendo em vista essas questões relevantes, Camacho (2008) expõe uma possível solução, de acordo com seu ponto de vista, em relação ao ensino de língua materna. Para ele, é preciso conscientizar o aluno de que existe uma norma padrão, mas o que é, de fato, importante é saber adequar a sua fala a diferentes contextos e às circunstâncias do processo de comunicação.

Essa abordagem mais inovadora pretende ensinar ao aluno os vários tipos de discursos a depender de quem se destina a sua fala. Há momentos para se utilizar a norma padrão, em situações mais formais; e momentos para usar a linguagem mais coloquial, em situações que podem dispensar formalidades. A proposta então é adequar a fala aos diferentes contextos.

1. O papel do professor no ensino de língua materna

Sabe-se que o ensino de língua Portuguesa provém de uma tradição pedagógica baseada no tradicionalismo e que está centrada em uma postura corretiva e preconceituosa em relação à língua falada e escrita. Atualmente, isso não ocorre de forma diferente. O que mais se encontra nas escolas é essa metodologia de ensino de língua, uma vez que elas priorizam a forma “correta” de falar e escrever de acordo com a gramática normativa.

Em torno dessa reflexão, o papel do professor em sala de aula é de extrema relevância no ensino de língua portuguesa, uma vez que ele se torna responsável pela formação do senso crítico do aluno em relação às diferentes formas linguísticas. Corroborando com essa ideia, Santos e Mesquita (2011) apresentam em sua pesquisa uma proposta em torno da postura que o professor deve ter em relação a esse ensino e citam Silva (2002) para fundamentar essa ideia

> [...] o professor de gramática terá de deixar de lado a pretensão de determinar como deve ser a língua. Para ampliar o conhecimento linguístico do aluno sem corroê-lo com preconceitos contra outras variedades nem principalmente, contra a sua própria. (SILVA, 2002 *apud* SANTOS; MESQUISTA, 2011, p. 5)

Sabido disso, torna-se necessário um ensino que, além de ensinar normas e regras, seja também priorizado um ensino em torno da variação linguística que existe no meio da fala. Para tanto, a escola também exerce um papel fundamental nesse processo de conscientização e ensino adequado dessas variantes de forma que não dê espaço para o preconceito. Nessa perspectiva, os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997) trazem uma proposta de como deve ocorrer essa prática de ensino:

> [...] para poder ensinar Língua Portuguesa, a escola precisa livrar-se de alguns mitos: o de que existe uma única forma "certa" de falar — a que se parece com a escrita — e o de que a escrita é o espelho da fala — e, sendo assim, seria preciso "consertar" a fala do aluno para evitar que ele escreva errado (BRASIL, 1997, p. 26)

Além disso, os PCN's também enfatizam o melhor jeito de tratar desse assunto de forma metodológica, ensinando tanto de acordo com a gramática normativa, imposta pela maioria das escolas, como respeitando a variação e o conhecimento de língua que o aluno já domina: "A questão não é falar certo ou errado, mas saber qual forma de fala utilizar, considerando as características do contexto de comunicação, ou seja, saber adequar o registro às diferentes situações comunicativas" (BRASIL, 1997, p. 26).

Cosson (2011) traz em sua obra *Letramento Literário* estratégias para o ensino de literatura na perspectiva do letramento literário, que também podem ser aplicadas no ensino de língua portuguesa, visto que o objetivo principal é formar leitores críticos e desenvolver uma capacidade cognitiva baseada na leitura com efeito de sentido. Voltado para o ensino de variação sem se ater apenas à gramática imposta, as sequências didáticas exploradas por ele podem auxiliar o docente na construção de aulas mais atrativas e produtivas tanto para o ensino fundamental como para o médio.

É nessa perspectiva que o docente deve atuar como agente transformador e fazer a diferença nesse processo de ensino-aprendizagem, uma vez que a sua postura e a metodologia aplicada em sala de aula irão refletir, diretamente, no processo de formação dos alunos.

1.1. Gramática Normativa: como ensinar?

O ensino de gramática nas escolas ainda provoca várias reflexões em torno de qual a melhor forma de se ensinar e indagações a respeito da sua importância para a vida profissional e pessoal do discente. Na maioria das escolas ela tem prioridade no ensino de Língua materna sendo vista como a mais "correta". Para tal afirmação, Freitag e Lima (2010, p. 113) falam que "A gramática normativa/tradicional vê a língua como sistema homogêneo". Fundamenta-se nos estudos gramaticais gregos e no modelo latino e é classicamente definida como "arte de falar e escrever corretamente".

Em relação à importância do ensino, Rodrigues (2011) defende essas questões utilizando teóricos como Bagno, Marcuschi e Possenti que defendem a ideia de que a norma padrão deve ser ensinada nas escolas, sim. Que não se trata de dialetos, variedades ou língua materna, mas sim de regras que precisam ser aprendidas por estarem diretamente ligadas à escrita e a uma cultura mais valorizada.

Além disso, Rodrigues (2011) cita outros teóricos que veem o ensino de língua portuguesa além da norma padrão, como Britto, Mortatti, Kleiman, Geraldi, Valls, Antunes, entre outros. Estes autores defendem a ideia de que o ensino da norma padrão também é importante na medida em que a escrita direciona o aluno a conhecer diferentes discursos e a se adequar a todos eles levando em consideração o contexto no momento.

Com base no exposto, fica nítido, então, o grande desafio para o docente em saber quando e como explorar essa gramática, seja ela tradicional ou a internalizada, a fim de atender a todas as necessidades do aluno em relação ao ensino de língua. Corroborando com essa última ideia, os Parâmetros Curriculares Nacionais também trazem uma reflexão em torno do ensino de gramática:

> [...] ensinada de forma descontextualizada, tornou-se emblemática de um conteúdo estritamente escolar, do tipo que só serve para ir bem na prova e passar de ano — uma prática pedagógica que vai da metalíngua para a língua por meio de exemplificação, exercícios de reconhecimento e memorização de nomenclatura. Em função disso, tem-se discutido se há ou não necessidade de ensinar gramática (BRASIL, 1997, p. 31).

Esse ensino de gramática contextualizada, como defende os PCN's, possibilita que o aluno tenha acesso ao assunto trazendo para a sua realidade. Os textos usados e produzidos por eles devem ser o fator determinante para um ensino mais eficaz a fim de instigar uma leitura crítica, com efeito de sentido. Falando ainda nesse ensino de gramática, os PCN's

trazem outra reflexão que valoriza o conhecimento que o aluno já possui e dá abertura para que a língua falada seja estudada nas escolas, dando possibilidades para estudar as variações e não apenas a gramática normativa:

> [...] a língua é um sistema de signos histórico e social que possibilita ao homem significar o mundo e a realidade. Assim, aprendê-la é aprender não só as palavras, mas também os seus significados culturais e, com eles, os modos pelos quais as pessoas do seu meio social entendem e interpretam a realidade e a si mesmas (BRASIL, 1997, p. 22)

1.2. Ensino da Variação Linguística

Não há uma língua considerada homogênea, deste modo, não existem fronteiras entre a linguagem e o seu uso. É nessa perspectiva que a Variação linguística atua, ela vem tratar dessas modificações que ocorrem na língua ao longo do tempo e da particularidade de cada comunidade em relação a sua forma de se comunicar oralmente, podendo ser percebidas através de vários aspectos, como regionalidade, nível de escolaridade, questões econômicas, sexo, etc.

O ensino de variação, no âmbito escolar, ainda apresenta suas resistências em relação à importância desse ensino para os alunos e para sua vida social, uma vez que a sociedade prioriza a língua em sua forma culta proveniente das classes de prestígio. Rodrigues (2011) aborda essa ideia em seu trabalho e destaca a variedade da língua dentro da sala de aula. Ela afirma que essas questões podem auxiliar o professor a entender mais o dialeto de cada aluno e a valorizar a língua em sua forma oral, e utiliza Bagno (1999) para afirmar o seu pensamento:

> É preciso garantir, sim, a todos os brasileiros o reconhecimento da variação linguística, porque o mero domínio da norma culta não é uma fórmula mágica que, de um momento para outro, vai resolver todos os problemas de um indivíduo carente. (BAGNO, 1999 *apud* RODRIGUES, 2011, p. 70- 71).

Deste modo, é perceptível, dentro desse contexto, a responsabilidade do docente em ensinar essas variações, de modo que o aluno também consiga enxergar a importância da gramática para a aquisição dos seus conhecimentos sobre língua.

Assim sendo, percebe-se que, apesar de o professor tentar assumir uma nova postura diante das práticas de ensino/aprendizagem, esse docente ainda se depara com muitos desafios em relação a melhor metodologia ou forma de abordagem de um determinado assunto. Trabalhar com variação linguística, especificamente, traz uma série de cuidados a serem tomados em sala de aula, visto que os alunos crescem aprendendo o que está “certo” e o que

está “errado” em sua linguagem e o que pode ou não ser dito. Em torno desta reflexão, ficam nítidas as consequências que esse ensino equivocado pode trazer ao aluno, dando espaço para o preconceito e exclusão do discente na sociedade, como assim expõe Alkmim (2008):

> As diferenças linguísticas, observáveis nas comunidades em geral, são vistas como um dado inerente ao fenômeno linguístico. A não aceitação da diferença é responsável por numerosos e nefastos preconceitos sociais e, nesse aspecto, o preconceito linguístico tem um efeito particularmente negativo (ALKMIM, 2008, p. 42).

Diante dessas reflexões, é relevante mostrar a importância do respeito a essas variedades dentro e fora do âmbito escolar, visto que em um país repleto de desigualdades, o aluno é mera consequência desses problemas sociais. A fala “correta”, ensinada nas escolas, acaba desvalorizando o conhecimento que o aluno já possui e as suas especificidades na fala aprendidas no meio onde vive, sendo que essas questões podem acabar resultando em um provável fracasso escolar em relação ao ensino de Língua, como assim expõe Freitag e Lima (2010):

> Os alunos das classes dominadas apresentariam desvantagens – déficits – resultantes de problemas de deficiência cultural. Como consequência, a criança proveniente desse meio apresentaria deficiências afetivas, cognitivas e linguísticas que seriam responsáveis por sua incapacidade de aprender e por seu fracasso escolar. (FREITAG; LIMA, 2010, p. 111)

O papel da escola e do docente, nessa prática de ensino, não é, então, substituir uma Língua por outra, mas sim conscientizar os alunos das diferenças linguísticas existentes e ensiná-los a adequar os seus discursos, sejam eles escritos ou falados ao contexto vivido no momento, tendo em vista também a quem se destinará o seu enunciado.

Referente a esse preparo que o docente deve possuir, Cosson (2011) expõe situações em que a postura do docente na forma de ensinar exerce um papel fundamental no processo de absorção do conhecimento do aluno. Para ele, existem quatro fatores que contribuem para que o ensino se torne mais produtivo: motivação, introdução, leitura e interpretação. Esses fatores não só se aplicam à leitura de um texto literário, mas traz ideias que podem auxiliar no desenvolvimento de uma aula dentro do contexto de variação linguística.

2. Procedimentos metodológicos

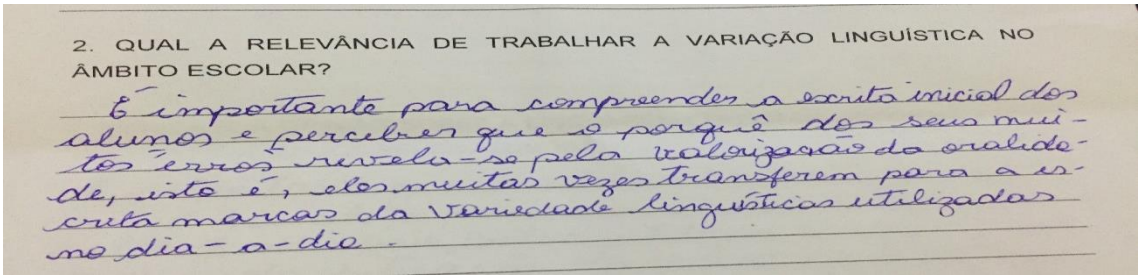
A referente pesquisa se trata de um estudo de campo que, de acordo com Lakatos (2003, p.186) “Consiste na observação de fatos e fenômenos tal como ocorrem espontaneamente, na coleta de dados a eles referentes e no registro de variáveis que se presumem relevantes, para analisá-los.”; com abordagem qualitativa, que será realizada com professores na área de Letras do município de Tobias Barreto-Sergipe.

O estudo em questão utilizará dados obtidos através de uma análise de um questionário (anexo A) aplicado pertinente à pesquisa. Esse questionário contém oito (08) questões abertas com o objetivo de facilitar a liberdade de expressão de cada professor participante da pesquisa. O *corpus* será constituído de oito (8) professores com formação em Letras-Língua Portuguesa, atuantes no Ensino Fundamental e Médio. A coleta de dados aconteceu no mês de novembro de 2017, logo após assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido (anexo B); as informações necessárias do questionário para a análise dos resultados serão transcritas para o trabalho logo após a sua avaliação. Os dados pertinentes serão colhidos e será realizada uma análise qualitativa com o objetivo de identificar a opinião e vivências dos professores em relação ao ensino de gramática, tendo em vista as variações linguísticas existentes e os estudos teóricos referente à temática, apresentados neste trabalho.

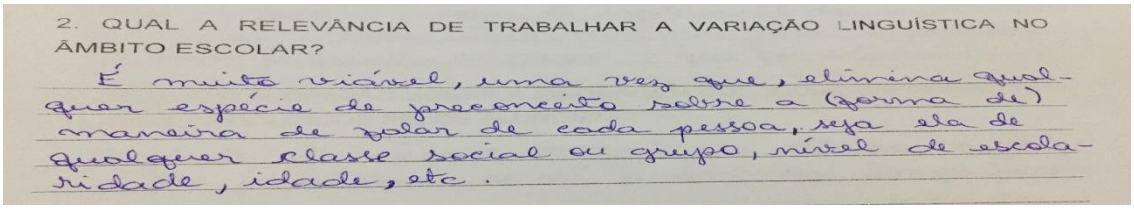
3. Análise e discussão dos resultados

Diante da análise e anotações feitas acerca do assunto de variação linguística no contexto escolar, verificamos os registros das falas dos docentes formados na área de Letras, enfatizando a ocorrência de alguns aspectos linguísticos bem como suas posições frente ao ensino de gramática. Foram distribuídos oito (8) questionários com questões abertas relacionadas ao tema para, assim, analisar as opiniões fazendo um comparativo entre elas.

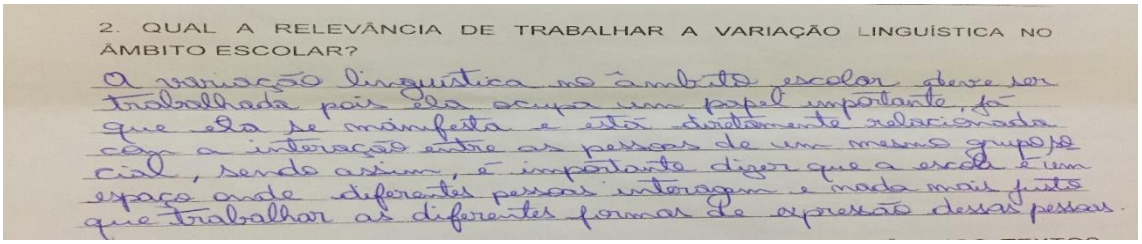
Em relação à abordagem do tema "variação em sala de aula" todos concordaram e afirmaram a sua importância, visto que a língua está em constante modificação e adequação às diversas maneiras de comunicação. As respostas dos docentes corroboram com Alkmim (2008) que trata da variação como uma junção de fatores geográficos e sociais. Verifiquemos abaixo as seguintes respostas:


2. QUAL A RELEVÂNCIA DE TRABALHAR A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO ÂMBITO ESCOLAR?

É importante para compreender a escrita inicial dos alunos e perceber que o porquê dos seus muitos erros revela-se pela valorização da oralidade, isto é, eles muitas vezes transferem para a escrita marcas da variedade linguísticas utilizadas no dia-a-dia.

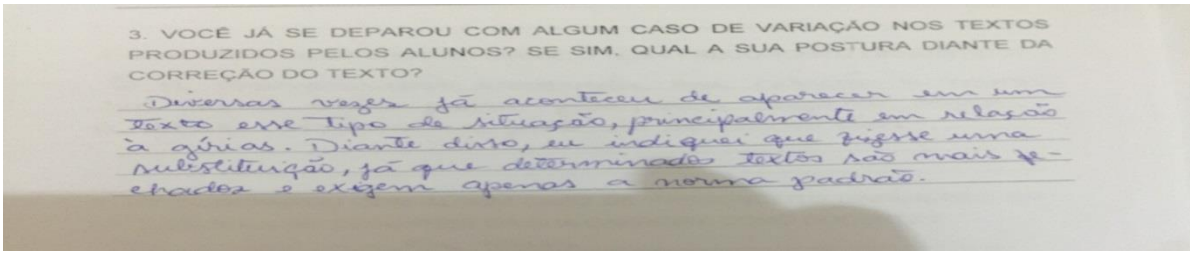

2. QUAL A RELEVÂNCIA DE TRABALHAR A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO ÂMBITO ESCOLAR?

É muito viável, uma vez que, elimina qualquer espécie de preconceito sobre a (forma de) maneira de falar de cada pessoa, seja ela de qualquer classe social ou grupo, nível de escolaridade, idade, etc.

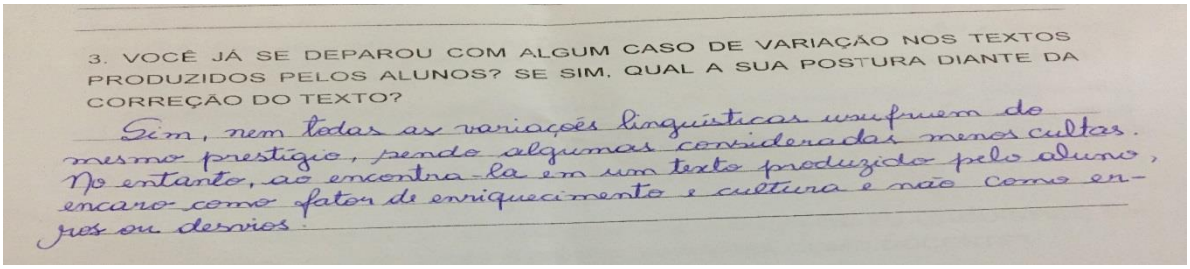

2. QUAL A RELEVÂNCIA DE TRABALHAR A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO ÂMBITO ESCOLAR?

A variação linguística no âmbito escolar deve ser trabalhada pois ela ocupa um papel importante, já que ela se manifesta e está diretamente relacionada com a interação entre as pessoas de um mesmo grupo social, sendo assim, é importante dizer que a escola é um espaço onde diferentes pessoas interagem e nada mais justo que trabalhar as diferentes formas de apresentação dessas pessoas.

Sobre a postura corretiva em relação à produção dos alunos, três (3) docentes falaram que é importante corrigir e mostrar qual a forma correta a ser usada em um texto ou trabalho escolar; quatro (4) não corrigem, pois levam em consideração a cultura do aluno; e um (1) tratou da correção como forma negativa de ensino, uma vez que pode travar o aluno e deixá-lo constrangido. Como observado, sete docentes defendem a ideia de correção conscientizando os alunos das diferenças linguísticas, postura essa que está de acordo com o que expõe Camacho (2008) quando diz que é preciso conscientizar o aluno de que existe uma norma padrão, mas o que é, de fato, importante é saber adequar a sua fala a diferentes contextos. Verifiquemos abaixo as seguintes opiniões:


3. VOCÊ JÁ SE DEPAROU COM ALGUM CASO DE VARIAÇÃO NOS TEXTOS PRODUZIDOS PELOS ALUNOS? SE SIM, QUAL A SUA POSTURA DIANTE DA CORREÇÃO DO TEXTO?

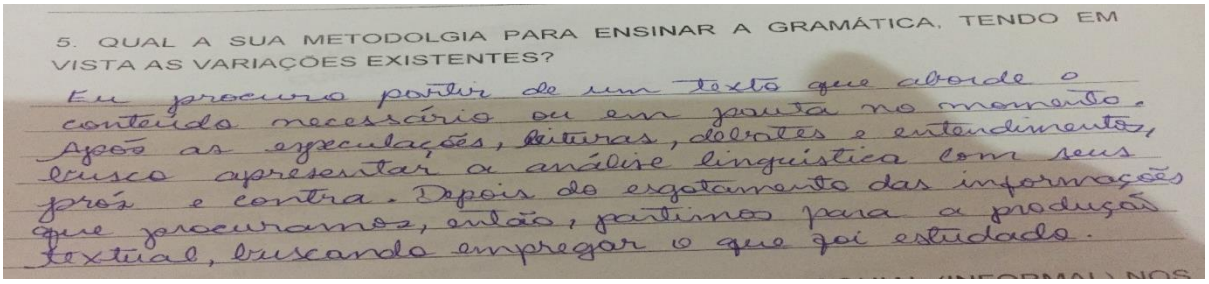
Diversas vezes já aconteceu de aparecer em um texto esse tipo de situação, principalmente em relação à gírias. Diante disto, eu indiquei que fizesse uma substituição, já que determinados textos são mais formais e exigem apenas a norma padrão.


3. VOCÊ JÁ SE DEPAROU COM ALGUM CASO DE VARIAÇÃO NOS TEXTOS PRODUZIDOS PELOS ALUNOS? SE SIM, QUAL A SUA POSTURA DIANTE DA CORREÇÃO DO TEXTO?

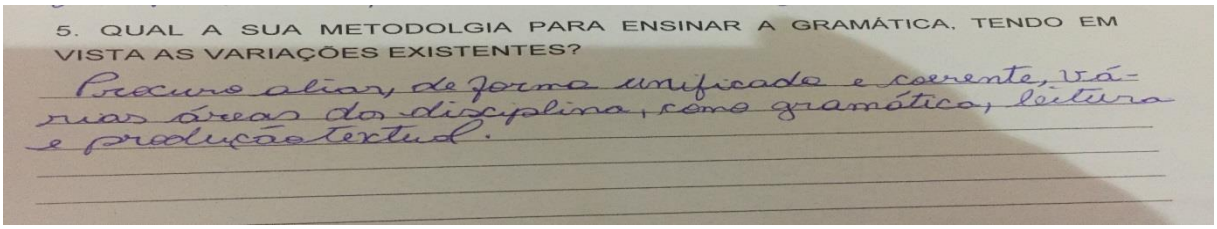
Sim, nem todas as variações linguísticas usufruem do mesmo prestígio, sendo algumas consideradas menos cultas. No entanto, ao encontra-la em um texto produzido pelo aluno, encaro como fator de enriquecimento e cultura e não como erros ou desvios.

Sobre a metodologia usada no ensino de gramática, quatro (4) docentes citaram a produção textual como recurso indispensável e utilizam nesses textos a gramática explicando a norma culta e a coloquial a depender do contexto; dois (2) utilizam os exemplos do dia a dia como forma de contextualizá-la e melhorar o entendimento; um (1) respondeu como sendo uma árdua tarefa, pois o aluno deve conhecer a norma culta e não atribui a falta de domínio dela como simplesmente variação linguística; e, por último, um (1) respondeu que é uma questão a ser refletida pois a melhor forma é explicar aos alunos que as variações não são erros mas que devem saber adequar a sua fala as diferentes situações.

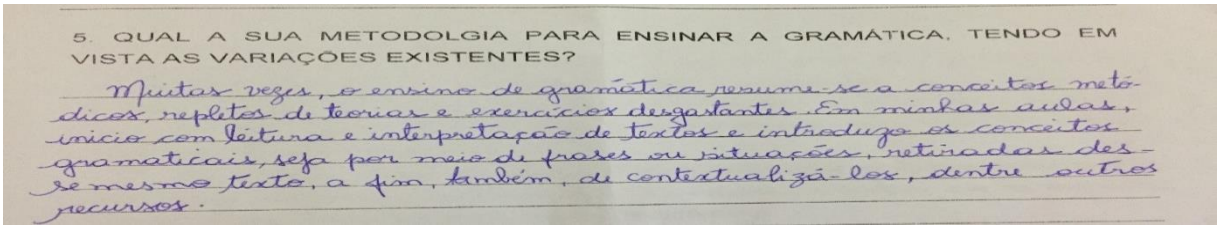
Em relação à metodologia aplicada em sala de aula, Cosson (2011) propõe sequências didáticas baseadas no letramento que remetem ao método usado pelos primeiros quatro docentes, visto que se baseiam na introdução, leitura e interpretação. Vejamos a seguir algumas das referentes opiniões:


5. QUAL A SUA METODOLGIA PARA ENSINAR A GRAMÁTICA, TENDO EM VISTA AS VARIAÇÕES EXISTENTES?

Eu procuro partir de um texto que aborde o conteúdo necessário ou em pauta no momento. Após as especulações, leituras, debates e entendimentos, busco apresentar a análise linguística com seus prós e contra. Depois do esgotamento das informações que procuramos, então, partimos para a produção textual, buscando empregar o que foi estudado.

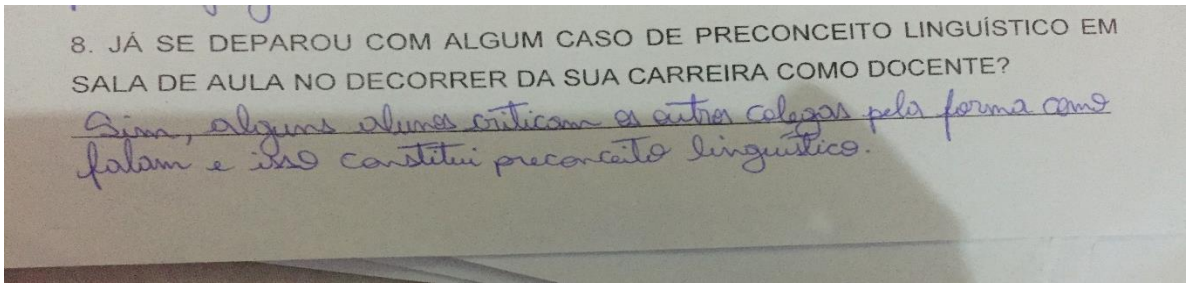

5. QUAL A SUA METODOLGIA PARA ENSINAR A GRAMÁTICA, TENDO EM VISTA AS VARIAÇÕES EXISTENTES?

Procuro aliar, de forma unificada e corrente, várias áreas da disciplina, como gramática, leitura e produção textual.

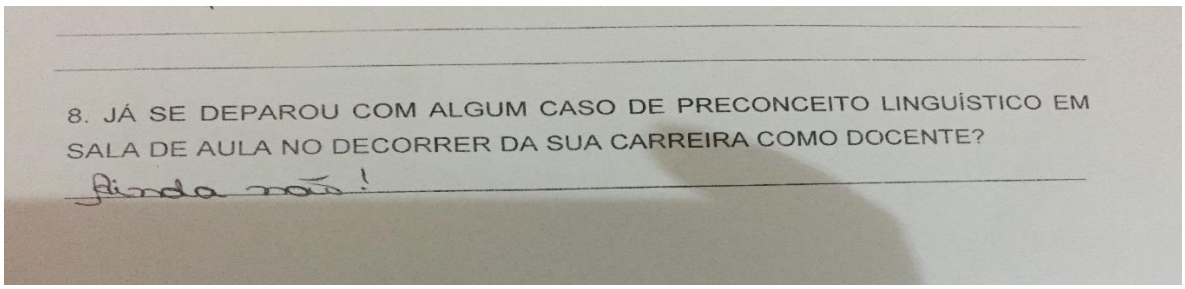

5. QUAL A SUA METODOLGIA PARA ENSINAR A GRAMÁTICA, TENDO EM VISTA AS VARIAÇÕES EXISTENTES?

Muitas vezes, o ensino de gramática resume-se a conceitos metódicos, repletos de teoriar e exercícios desgastantes. Em minhas aulas, inicio com leitura e interpretação de textos e introduzo os conceitos gramaticais, seja por meio de frases ou situações, retiradas do próprio texto, a fim, também, de contextualizá-los, dentre outros recursos.

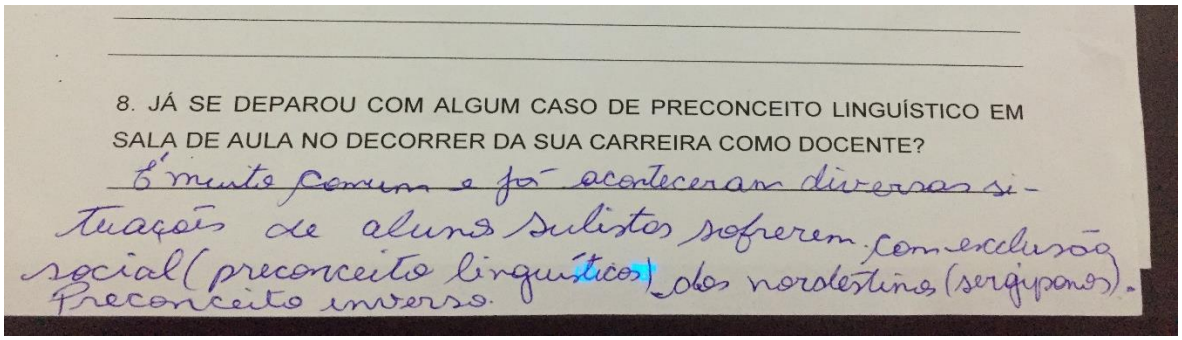
Sobre a ocorrência do preconceito linguístico visto em sala de aula, seis (6) docentes já se depararam por muitas vezes com essa situação dando mais ênfase para as diferenças regionais; um (1) respondeu que por poucas vezes e também enfatizou a questão do sotaque diferente; e um (1) nunca se deparou com tal situação. Vejamos a seguir algumas das opiniões citadas acima:


8. JÁ SE DEPAROU COM ALGUM CASO DE PRECONCEITO LINGUÍSTICO EM SALA DE AULA NO DECORRER DA SUA CARREIRA COMO DOCENTE?

Sim, alguns alunos criticam os outros colegas pela forma como falam e isso constitui preconceito linguístico.


8. JÁ SE DEPAROU COM ALGUM CASO DE PRECONCEITO LINGUÍSTICO EM SALA DE AULA NO DECORRER DA SUA CARREIRA COMO DOCENTE?

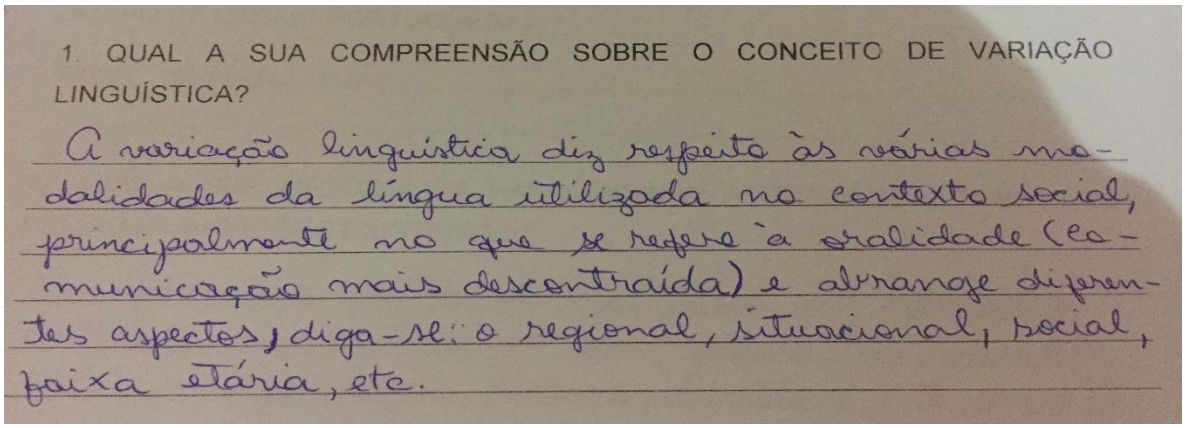
Ainda não!


8. JÁ SE DEPAROU COM ALGUM CASO DE PRECONCEITO LINGUÍSTICO EM SALA DE AULA NO DECORRER DA SUA CARREIRA COMO DOCENTE?

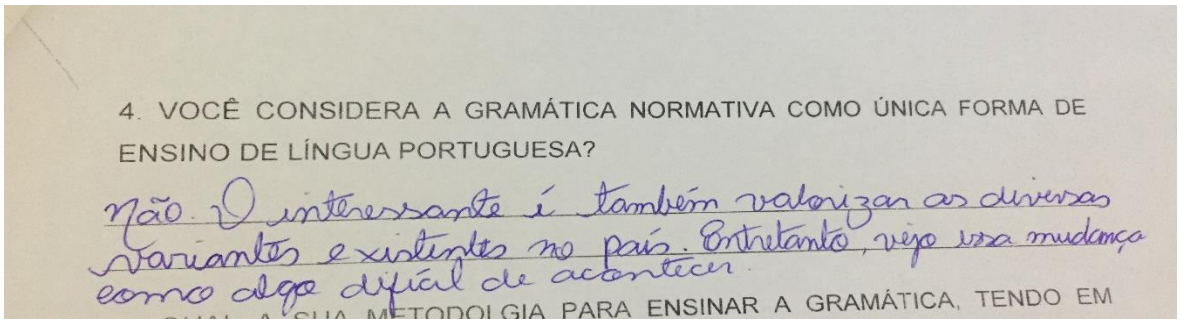
É muito comum e já aconteceram diversas situações de alunos sulistas sofrerem com exclusão social (preconceito linguístico) dos nordestinos (sergipanos). Preconceito inverso.

Quando questionados sobre a definição de variação linguística, preconceito linguístico e gramática normativa como única forma de ensino de língua portuguesa, todos responderam

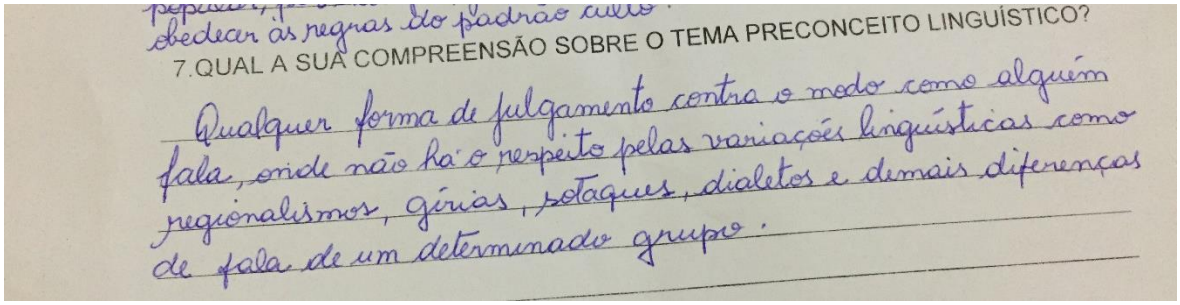
relativamente de forma igual. Ressaltaram as modificações que ocorrem na língua, suas diferenças em relação a vários aspectos sociais, a falta de entendimento acerca do assunto, o que acarreta o preconceito, e a importância do ensino de gramática para o sucesso do aluno, porém, não como única forma de ensino de língua portuguesa. Verifiquemos abaixo algumas respostas que corroboram com os autores citados anteriormente, no desenvolvimento teórico do trabalho, no que diz respeito a variação, preconceito linguístico e gramática normativa:


1. QUAL A SUA COMPREENSÃO SOBRE O CONCEITO DE VARIAÇÃO LINGUÍSTICA?

A variação linguística diz respeito às várias modalidades da língua utilizada no contexto social, principalmente no que se refere à oralidade (comunicação mais descontraída) e abrange diferentes aspectos, diga-se: o regional, situacional, social, faixa etária, etc.


4. VOCÊ CONSIDERA A GRAMÁTICA NORMATIVA COMO ÚNICA FORMA DE ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA?

Não. O interessante é também valorizar as diversas variantes existentes no país. Entretanto, vejo essa mudança como algo difícil de acontecer.


A SUA METODOLOGIA PARA ENSINAR A GRAMÁTICA, TENDO EM

obedecer às regras do padrão culto.

7. QUAL A SUA COMPREENSÃO SOBRE O TEMA PRECONCEITO LINGUÍSTICO?

Qualquer forma de julgamento contra o modo como alguém fala, onde não há o respeito pelas variações linguísticas como regionalismos, gírias, sotaques, dialetos e demais diferenças de fala de um determinado grupo.

Tendo em vista todos os dados aqui registrados, é perceptível a consciência crítica que os docentes possuem em relação à variação linguística no âmbito escolar e o ensino de gramática. Pode-se perceber uma preocupação acerca do assunto, visto que é tido como um desafio nos dias atuais tendo em vista a constante mudança que a língua sofre, a linguagem

que sofre influência da internet, as diferenças de sotaque, fatores sociais, etc. É nesse contexto que devemos refletir acerca do ensino de língua portuguesa a avaliar as diferentes metodologias para, assim, colaborar para o desenvolvimento no processo de ensino/aprendizagem.

4. Sequência didática

Observando as diferenças linguísticas existentes decorrentes de vários fatores na fala do aluno, é possível perceber essa variação que ele já domina e que encontra desafios de adequação quando leva essa bagagem cultural particular para a escola, visto que no ambiente escolar a gramática normativa aparece como imposição. Dentro desse contexto, desenvolvemos uma sequência didática voltada para o ensino de variação em sala de aula que terá como base metodológica conceitos trazidos da obra de Cosson (2011) "Letramento literário".

A proposta desta sequência didática está embasada nos estudos linguísticos presentes na obra "Preconceito Linguístico", de Marcos Bagno, que será utilizada com o objetivo de mostrar aos discentes as variações existentes e tentar conscientizá-los dessas variações a fim de amenizar o preconceito linguístico.

TEMA: Preconceito Linguístico
NÍVEL DE ESCOLARIDADE: 8ª ano do ensino fundamental.
OBJETIVOS: Desenvolver nos alunos uma conscientização acerca do assunto variação linguística; mostrar a importância dessas variações para a cultura de cada região; despertar no aluno reflexões em torno do preconceito linguístico.
CONTEÚDO: Variação linguística; preconceito linguístico; interpretação oral.
ENCAMINHAMENTOS METODOLÓGICOS: Apresentação do tema (assunto); discussão oral para verificar o conhecimento prévio de cada um, método esse chamado por cosson (2011) de motivação; apresentar de forma sucinta a obra e o autor, sendo esse o segundo passo que, de acordo com Cosson (2011), é chamado de introdução; sugerir a leitura do livro "Preconceito Linguístico" dando um prazo final para executar a atividade posteriormente, método que, de acordo com Cosson (2011), é chamado de leitura; dividir a sala em grupos e

explicar a dinâmica do trabalho dividindo também um capítulo do livro para cada grupo; o livro contém quatro capítulos sendo eles distribuídos aos quatro grupos. após a leitura do livro, fazer uma discussão oral sobre suas opiniões acerca da obra, promovendo debates para assim analisar o conhecimento adquirido pelos alunos; para finalizar, interpretar a obra em forma de dramatização. eles deverão encenar uma conversa informal entre amigos, cada participante com um personagem de um lugar diferente (região) com seus sotaques e suas culturas. logo após a encenação, explicar de forma oral o objetivo da dramatização ressaltando os principais pontos que o texto apresenta e qual a sua relevância para o ensino de língua portuguesa.

Considerações finais

Neste trabalho abordamos sobre o tema da variação linguística no meio escolar e do papel do docente frente o ensino da gramática normativa. Foi possível perceber que o assunto ainda traz uma série de reflexões, pois os docentes ainda se deparam com desafios, visto que a variação linguística passa despercebida enquanto ensino isolado nas escolas o que, consequentemente, prioriza o ensino de gramática de forma não contextualizada.

Pode- se notar uma preocupação em relação ao ensino de variação, pois os dados aqui registrados mostraram que os docentes utilizam métodos que priorizam, na maioria das vezes, o conhecimento linguístico que o aluno já possui e tentam adaptar às diversas linguagens as diferentes formas de comunicação. Foi visto também que suas didáticas em sala de aula interferem diretamente num ensino de língua portuguesa mais produtivo, visto que visam na produção textual um elemento fundamental no processo de ensino.

Portanto, os objetivos aqui propostos foram alcançados, uma vez que objetivava refletir acerca da variação linguística enfatizando como o docente aborda a noção de “certo e errado” na língua e o preconceito linguístico. Foi observado, nos dados levantados com as respostas dos docentes, que as ideias são compatíveis com o desenvolvimento teórico apresentado e que a postura do professor vem se transformando e se adaptando no decorrer em que ocorrem as mudanças na língua.

Esperamos contribuir para que o professor possa crescer em suas formas de abordagem, principalmente no que diz respeito à língua portuguesa, e tornar o ensino mais produtivo respeitando a bagagem cultural de cada aluno.

Referências

ALKMIM, T. M. Sociolinguística. In: **Introdução à linguística:** Domínios e fronteiras, v. 1 / Fernanda Mussalim, Anna Christina Bentes (orgs.) – 8. Ed – São Paulo: Cortez, 2008. p. 21-47.

BAGNO, M. **Preconceito linguístico:** o que é, como se faz. 52ª ed. São Paulo: Loyola, 1999.

BELINE, R. A variação linguística. **Introdução à linguística**/ José Luiz Fiorin (org.) 6. Ed. revista e atualizada, São Paulo: Contexto, 2010. p. 121- 140.

CAMACHO, J.G. Sociolinguística. In: **Introdução à linguística:** Domínios e fronteiras, v. 1 / Fernanda Mussalim, Anna Christina Bentes (orgs.) – 8. Ed – São Paulo: Cortez, 2008. p. 49-75.

COSSON, Rildo. **Letramento literário:** teoria e prática. 2. Ed., 1ª reimpressão. – São Paulo: contexto, 2011.

FREITAG, R. M; LIMA, G. O. S. **Sociolinguística**. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, CESAD. 2010.

LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**/ Marina de Andrade Marconi, Eva Maria Lakatos. – 5. Ed. – São Paulo: Atlas 2003.

BRASIL**.** Ministério da Educação. Secretária da Educação Media e Tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (**Linguagens, Códigos e suas Tecnologias)- Brasília: Ministério da Educação e Cultura, 2000.

RODRIGUES, Roseli Hilsdorf Dias. **“No meio do caminho tinha uma pedra”- ensino de gramática:** reflexão através do paralelo entre as diretrizes oficiais e a prática em sala de aula na rede pública de ensino do estado de São Paulo. Tese de doutoramento em Língua Portuguesa. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011, 278f.

SANTOS, C. S; MESQUITA, O. P. A variação linguística no ensino de língua materna: o que o professor deve fazer na sala de aula? **Anagrama**. São Paulo. Ano 4, ed. 4, p. 1- 10, junho-agosto. 2011.